

## O PAPEL DA EXPRESSIVIDADE ORAL NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

*Vanessa de Almeida Moura e Santos*

### Resumo

É possível encontrar o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira/Língua Portuguesa (TILSP) em diversos espaços sociais. Seu trabalho consiste, fundamentalmente, em intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes e sempre requererá desse profissional a mobilização de conhecimentos e habilidades que o tornam competente para o exercício. Este artigo é uma revisão narrativa da literatura que objetiva analisar o papel da expressividade oral na interpretação da Língua de Sinais Brasileira (LSB) para a modalidade oral. A interpretação de voz é uma modalidade que comumente causa preocupações nos TILSPs devido às suas peculiaridades que dizem respeito às capacidades tradutórias e comunicativas. A expressividade oral é o resultado do uso eficaz dos elementos prosódicos (altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala etc.) e que quando utilizada pode favorecer a interpretação simultânea da LSB para a Língua Portuguesa. Incorporar o estudo da expressividade oral no currículo dos cursos de formação dos TILSPs pode contribuir para o aperfeiçoamento deste. A Fonoaudiologia, cujo objeto de estudo é a comunicação humana, pode colaborar com serviços e atendimento a esses profissionais.

**Palavras-chave:** Expressividade oral. Interpretação. Língua de Sinais Brasileira.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo censo realizado pelo IBGE no ano de 2010, mais de nove milhões de brasileiros declararam possuir deficiência auditiva, sendo que destes, 344,2 mil têm grande dificuldade para ouvir (BRASIL, 2010). Embora na referida pesquisa não haja informações sobre a quantidade de pessoas usuárias da Língua de Sinais Brasileira (LSB), não há dúvidas de que esses indivíduos necessitam de acessibilidade para superar barreiras na comunicação.

A LSB<sup>1</sup>, amplamente conhecida como Língua Brasileira de Sinais – Libras, foi reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 como principal meio de expressão das comunidades de pessoas surdas do Brasil. Trata-se de uma língua de modalidade gesto-visual, ou seja, sua produção depende do sistema gestual/espacial e sua percepção do sistema visual. A regulamentação dessa lei, juntamente com a Lei nº 10.098, ocorreu somente em 2005 com o Decreto nº 5.626, que dispõe de definições pormenorizadas sobre a LSB e de questões concernentes à acessibilidade da pessoa surda. A recente Lei 13.146/2015, denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em seu capítulo IV, também reforça a importância da LSB, enquanto primeira língua, no processo educacional inclusivo do Surdo.

Nesse contexto legal o papel do profissional Tradutor e Intérprete de LSB/Português (TILSP) ganha mais notoriedade, uma vez que é apontado como importante contribuinte para o acesso da pessoa surda à educação, à informação e à comunicação (NASCIMENTO, 2012), fato também corroborado na obra de Quadros (2004) intitulada O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Esta sigla segue os padrões internacionais para denominar as línguas de sinais (QUADROS, 2004).

O TILSP é a pessoa gabaritada para realizar a mediação lingüístico-cultural em situações em que o surdo é o receptor da mensagem produzida em Português, seja na modalidade oral ou escrita, ou em situações em que ele é o enunciador ou escritor. Embora as circunstâncias em que os surdos são espectadores ainda sejam mais comuns do que aquelas em que são enunciadores, os mesmos “vêm ocupando patamares sociais antes considerados impossíveis de serem alcançados, posicionando-se por meio da língua de sinais” (NASCIMENTO, 2012, p. 80).

Ainda a respeito dos preceitos legais relacionados à atuação do TILSP, a Lei 12.319/2010 regulamenta o exercício profissional demarcando os meios de formação e as atribuições no exercício ético e respeitoso de suas competências. Esta lei representa um marco histórico para a trajetória profissional dos TILSPs, primordialmente atrelada ao voluntariado, e que atualmente goza de crescente inserção no mercado de trabalho.

As conquistas legais dessa classe profissional só reforçam a relevância de sua atuação na sociedade, principalmente para a comunidade surda, e indicam a necessidade de contínuo aprimoramento a fim de prestar serviços de qualidade, afinal, muitas vezes suas vozes evidenciam os enunciados produzidos pelos surdos, que “adentram nas mais diversas instâncias sociais falando em sua língua e atuando nos mais variados campos de conhecimento como agentes de produção e como sujeitos ativos socialmente” (NASCIMENTO, 2012, p.80).

É possível encontrar o TILSP atuando em escolas, instituições de educação superior, repartições públicas, programações televisivas, eventos acadêmicos e científicos, espaços religiosos, estabelecimentos privados, entre outros. Seu trabalho nesses locais consiste, fundamentalmente, em intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes, e sempre requererá desse profissional a mobilização de conhecimentos e habilidades que o tornam competente para o exercício.

O presente artigo é uma revisão narrativa da literatura<sup>2</sup> que se propõe a analisar o papel da expressividade oral na interpretação da LSB para a modalidade oral, ou seja, aquela cuja língua-fonte é a LSB e a língua-alvo é a Língua Portuguesa. A pesquisa se concentrou, principalmente, em trabalhos publicados na área dos Estudos da Tradução e Interpretação de LSB, contudo, também consultou trabalhos nas áreas da Linguística e da Fonoaudiologia, específica e respectivamente nos estudos da Fonética e Fonologia e da Expressividade oral.

---

<sup>2</sup> Tipo de revisão que se constitui da análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressa e/ou eletrônica, na interpretação e análise crítica do autor. Artigos desta natureza não informam as fontes utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. São estruturados em Introdução, Desenvolvimento (texto dividido em seções definidas pelo autor com títulos e subtítulos de acordo com as abordagens do assunto), Comentários e Referências (ROTHER, 2007).

## **2 A EXPRESSIVIDADE ORAL A SERVIÇO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

### **2.1 PARA INÍCIO DE CONVERSA, A EXPRESSIVIDADE ORAL**

A primeira sentença do título acima pode ser corriqueiramente utilizada em situações em que o locutor, geralmente irritado, queira contestar ou mesmo se defender, transmitindo ao interlocutor que o “tom” da conversa está inflamado. Contudo, outras conotações também são possíveis, graças à prosódia, e a mesma sentença pode não mais ter o caráter irado de antes, mas, por exemplo, ser interpretado como uma maneira informal de introduzir um assunto.

Atualmente, prosódia é entendida como o conjunto de fenômenos fônicos que “abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais” (SCARPA, 1999, p. 8 apud BOLLELA, 2011, p.114).

A comunicação verbal é permeada por elementos prosódicos que, segundo o linguista Cagliari (1992), podem ser agrupados em elementos da melodia da fala (tom, entonação e tessitura), elementos da dinâmica da fala (duração, mora, pausa, tempo, acento, ártesis/tesis) e em elementos da qualidade da voz (volume, registro e qualidade da voz). Abaixo, breve definição de cada elemento prosódico, segundo agrupamento apresentado pelo autor:

### **Elementos da melodia da fala**

**Tom** - Traço que marca variação melódica nas sílabas, provocando alteração de significado do item lexical.

**Entonação** - Grupo de tons ascendentes ou descendentes, cuja variação melódica acontece na palavra ou frase.

**Tessitura** - Variações tonais (altas ou baixas) que têm função de destacar elementos que estão deslocados na frase.

### **Elementos da dinâmica da fala**

**Duração** - Propriedade dos elementos da fala de realizar alongamentos.

**Mora** - Duração relativa especificamente às sílabas.

**Pausa** - Interrupção que permite ao falante respirar durante a fala, podendo ocorrer após palavras, frases ou períodos.

**Tempo** - Velocidade de fala.

**Acento** – Marcação fonológica que serve para distinguir significados lexicais.

**Ritmo** – Sequência de elementos (acentos ou sílabas) recorrentes em intervalos regulares.

**Ártesis/tesis** – Marcas acústicas percebidas como saliências ou vales, cuja somatória causa um efeito de onda na fala.

### **Elementos da qualidade da voz**

**Volume** - Elemento de caráter pessoal do falante, podendo ser saliente ou reduzido, a depender do contexto e da distância que o mesmo se situa em relação ao seu interlocutor.

**Registro** – Forma que o falante pode emitir a voz com qualidade diferente da sua forma habitual.

**Qualidade da voz** – Propriedade fonética que possibilita identificar o indivíduo pela sua voz.

Expressividade oral ou verbal, por sua vez, é fruto do uso eficaz dos elementos prosódicos como, por exemplo, fazer pausas e inflexões no momento adequado, articular as palavras com precisão e ter um fluxo contínuo e livre da fala (BEHLAU; PONTES, 1995 apud CHAVES et. al, 2009). Segundo a fonoaudióloga Viola (2008), a expressividade oral também é entendida como simbolismo sonoro que ultrapassa o conceito de produção vocal, no aspecto anatomofisiológico, e envolve os aspectos comunicativos (SOUZA, 2010).

A Fonoaudiologia dispõe de conhecimento em diversas áreas da comunicação humana, a exemplo da especialidade denominada Voz Profissional, voltada para o atendimento de profissionais como locutores radialistas, professores, cantores, atores, repórteres, entre outros, no sentido de prevenção de distúrbios, reabilitação vocal e aperfeiçoamento da expressividade oral. A procura desses profissionais por atendimento fonoaudiológico tem crescido, principalmente, por aqueles que propõem aperfeiçoamento da estética vocal (SANTOS; ASSENCIO-FERREIRA, 2001).

É possível encontrar na literatura científica nacional trabalhos que abordam a função da expressividade oral em diferentes meios profissionais: teleatendimento (ALMEIDA, 2008), cinematográfico (SOUZA, 2010), radiofônico (VIOLA et. al, 2011) e educacional (FERREIRA et. al, 2012). No que se refere à expressividade oral do intérprete de língua de sinais são encontrados poucos trabalhos. Dentre estes, contudo, se destacam os artigos “Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o Português oral”, de Albres (2010), e “Interpretação da Libras para o Português na modalidade oral: considerações dialógicas”, de Nascimento (2012), que dedica um capítulo para tratar da função da voz e da expressividade no ato interpretativo da LSB para o Português.

## 2.2 INTERPRETAÇÃO DE LINGUAS DE SINAIS

Os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) é um campo recente e emergiu dos campos dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação. (RODRIGUES; BEER, 2015). Os ETILS foram mapeados dentro dos Estudos da Tradução, no Brasil, somente após o ano de 2005, com o início das pesquisas em nível de pós-graduação *stricto sensu*. A aproximação com os Estudos da Tradução evidenciou os obstáculos e as tensões culturais e linguísticas enfrentados durante o processo de interpretação, promovendo salto qualitativo no tocante a visibilidade dos TILSPs (SANTOS, 2010).

Segundo Roberts (1992, apud QUADROS, 2004, p.73), há seis competências que um Intérprete de Língua de Sinais deve ter que são: a competência linguística, a competência para transferência, a competência metodológica, a competência na área, a competência bicultural e a competência técnica. Dentre estas, a primeira competência apontada pelo autor é a linguística, por razões óbvias, pois, sem conhecimento sobre as línguas envolvidas e sem “habilidades em entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuances e habilidade em expressar corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo”, a interpretação é descaracterizada.

Há uma diferenciação conceitual estabelecida entre tradução e interpretação que se pauta na forma e no limite de tempo. A interpretação se refere a uma transmissão do discurso, falado ou sinalizado, no momento imediato em que é produzido, enquanto a tradução faz referência a textos escritos e que, portanto, pode ser realizada em qualquer circunstância de tempo (STONE, 2009 apud SOUZA, 2011).

Segundo Souza (2011, p. 31) “é importante que o intérprete seja capaz de identificar o tipo de discurso a que está exposto a fim de executar um trabalho mais eficaz”, se referindo aos tipos de discursos existentes: narrativo, persuasivo, explicativo, argumentativo, conversacional e procedural. É igualmente relevante discernir a modalidade de interpretação adequada, pois, cada uma delas (simultânea ou consecutiva) exige do intérprete habilidades e técnicas próprias (GESSER, 2011).

Na interpretação consecutiva, o intérprete escuta um trecho expressivo do discurso, faz algumas anotações e, somente após processar uma parte considerável, realiza a interpretação. O intérprete pode apresentar a mensagem em partes ou na totalidade, possibilitando mais acurácia dessa interpretação, em comparação à simultânea (METZGER, 1999 apud LEITE, 2005).

A interpretação simultânea de línguas orais para línguas orais em eventos com público bilíngue, geralmente, acontece sem a exposição do intérprete, pois, o mesmo se encontra acomodado em cabina insonorizada e sua voz é ouvida pelos receptores por meio de auscultadores. De maneira oposta, o intérprete de língua de sinais, em posse de um microfone, senta-se na primeira fileira a fim de visualizar o conferencista surdo e realizar a interpretação na modalidade oral. Este fato salienta a importância da expressividade oral do intérprete de língua de sinais, passando credibilidade e segurança para os ouvintes, uma vez que o sinalizador é o centro das atenções (ALBRES, 2010).

### **2.3 A EXPRESSIVIDADE ORAL NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA LSB/PORTUGUÊS: DAS MÃOS E EXPRESSÕES DO SINALIZADOR PARA A VOZ DO INTÉRPRETE**

Apesar da diferença de modalidade entre as línguas orais e as línguas de sinais ocasionarem efeitos na interpretação, há muitas similaridades entre elas, a exemplo

do processo cognitivo envolvido no ato interpretativo. Quadros (2004, p. 27) afirma que o ato de interpretar envolve processos altamente complexos, pois, o intérprete “processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte”. Seria pertinente, ainda, incluir as “escolhas prosódicas” que devem ser realizadas durante a interpretação de língua de sinais para língua oral.

Segundo estudo realizado por Isham (1994), os intérpretes de línguas orais, quando na interpretação simultânea, precisam despender um esforço cognitivo maior do que os intérpretes de línguas de sinais, pois, estes tendem a cometer menos erros de compreensão e tradução do que aqueles; isto se dá pela falta da interferência de ouvir a sua própria voz enquanto interpreta de uma língua oral para a língua de sinais e “quando estão interpretando a língua de sinais para a língua oral, eles não têm que ouvir outra fala competindo com a sua” (RODRIGUES, 2013, p. 268).

Contudo, é possível observar que a interpretação da LSB para o Português, também chamada de interpretação de voz pelos TILSPs, é uma modalidade que comumente causa preocupações nesses profissionais. As razões dos temores podem estar associadas à dinâmica muscular diferenciada dessa modalidade, pois, a musculatura do aparelho fonador é mais lenta do que a musculatura dos membros superiores, podendo ocorrer atropelamentos na fala, e à datilologia rápida geralmente realizada pelo surdo (CHAIBUI; AGUIAR, 2016).

Além disto, empiricamente, é possível mencionar o receio que TILSPs têm em interpretar a voz de outros ouvintes fluentes em LSB, principalmente quando estes são colegas de profissão e, contrariamente ao que foi observado por Isham (1994), podem cometer erros de tradução devido à preocupação com falhas e críticas, embora não ouçam outra fala competindo com a sua.

Há casos em que o TILSP fará a voz de um surdo de seu convívio e, em razão disso, a interpretação de voz se tornar mais favorável. Todavia, nem sempre “contará com a sorte” e o quadro pode ser o oposto. Em situações como esta é importante não apenas manter a calma, mas também realizar pesquisa sobre o locutor ou contato prévio para o colhimento de algumas informações que possibilitem a construção de uma “imagem vocal”. Tal observação é relevante para evitar incongruências, a exemplo de o locutor que sinaliza pausadamente, mas, o intérprete não evidencia as pausas em sua fala, ou se o locutor sinaliza de forma calorosa e o intérprete não imprime tal traço em sua voz.

Não obstante as dificuldades sentidas e expressadas pelos TILSPs quanto à interpretação de voz, o conhecimento acerca do papel da expressividade oral e seu domínio podem auxiliar estes profissionais na melhoria de seus desempenhos. Adequar entonação, tempo e volume de voz, por exemplo, durante sua atuação, ao discurso produzido pelo surdo ou ouvinte sinalizante, é algo que precisa ser considerado, pois, a comunicação consiste tanto de elementos verbais como de elementos não verbais e estes necessitam ser expressos, igualmente. Isto é, o TILSP deve cuidar para que, em sua interpretação, não só o sentido da mensagem, mas, a emoção do locutor, percebido pelas suas expressões corporal e facial, sejam transmitidos aos ouvintes (SOUSA, 2010).

Sousa (2010, p.65), em sua pesquisa sobre interpretação LSB/Português, analisou alguns relatos de experiência de profissionais nessa modalidade de interpretação e aponta que “princípios da oratória” e da “impostação vocal” são, dentre outros, aspectos importantes que devem ser considerados na formação e na atuação desses profissionais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa surda, geralmente, enfrenta dificuldades comunicativas diárias pelas quais a maioria dos ouvintes pouco ou nunca passou, exceto se forem analfabetos ou estrangeiros não fluentes na língua nativa. Analogamente, os surdos podem passar as mesmas dificuldades que um “gringo”, porém, estando eles em sua própria nação. É nesse ponto que o trabalho de tradução e de interpretação LSB/Português ganha sentido ainda mais nobre e saliente importância.

O TILSP não pode ser apontado como única solução para as dificuldades que os surdos enfrentam devido às deficiências na acessibilidade, porém, a busca pela excelência do/no seu exercício deve se manter constante a fim de que, ao menos, sejam minimizadas. Há diversas situações nas quais o profissional necessitará ter habilidade não apenas para interpretar signos linguísticos, respeitando, por exemplo, as construções sintáticas (se é uma interrogação ou exclamação), mas também sentimentos e até intenções em sua atuação. Esta pode ser comparada, em partes, a de um dublador que empresta a sua voz a um personagem sem, contudo, descaracterizá-lo. Diferentemente deste profissional, o TILSP na maioria das vezes realiza o seu trabalho em tempo real, sem possibilidade de revisões ou correções, tornando a interpretação de voz ainda mais desafiadora.

A expressividade oral é “a cereja do bolo” na interpretação simultânea de LSB para o Português. Sua importância consiste na capacidade de comunicar sentidos, evidenciar o “como” do que está sendo dito e dar melodia à dança das mãos do sinalizante. Sem ela o TILSP corre o risco de deixar a interpretação monótona e excessivamente técnica.

Incluir o estudo da expressividade oral no currículo dos cursos de formação de TILPs pode contribuir para a melhor atuação desses profissionais em interpretação da LSB para o Português. A Fonoaudiologia, por sua vez, pode agregar qualidade ao trabalho do TILSP pela oferta de atendimento especializado no campo da expressividade oral e, desse modo, configurar a oportunidade de um novo campo de atuação para o fonoaudiólogo. Neste sentido, o investimento em mais pesquisas que abordem essa temática colabora para a consolidação do campo de atuação e conseqüente procura pelos profissionais da área de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: < [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religi\\_ao\\_Deficiencia/tab1\\_3.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religi_ao_Deficiencia/tab1_3.pdf)> Acesso em: jan. 2015.
- ASSENCIO-FERREIRA, V. J. ; SANTOS, F. M. R. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. Rev CEFAC. v.3, p. 53-64. 2001. Disponível em:< <http://www.cefac.br/revista/revista31/Artigo%206.pdf>. > Acesso em: mai. 2016.
- ALBRES, N.A. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. In: QUADROS, R. M. (Org.). Cadernos de tradução. Florianópolis: UFSC/PGET, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p291>>. Acesso em: jan.2015.
- CAGLIARI, L.C. Prosódia: Algumas funções dos supra-segmentos. Card. Est.Ling., Campinas. v. 23, p.137-151, jul./dez. 1992. Disponível em: < Acesso em: mar. 2015.
- CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. Dificuldades na Interpretação de Libras para Português Revista Virtual de Cultura Surda. n. 17, fev. 2016. Disponível em: < [http://editora-arara-azul.com.br/site/revista\\_edicoes](http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes)> Acesso em: ago 2016.

GESSER, A. Tradução e Interpretação da Libras II. Material didático desenvolvido para o curso Letras Libras na modalidade a distância. UFSC, 2011. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/traducaoEInterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Texto\\_base\\_TIL\\_II\\_2008.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/traducaoEInterpretacaoDaLinguaDeSinais/assets/767/Texto_base_TIL_II_2008.pdf)> Acesso em: jun. 2016.

ISHAM, W.; LANE, H. Simultaneous interpretation and the recall of source-language sentences. *Language and Cognitive Processes*, v. 8, n.3, p.241-264, 1993. In: RODRIGUES, C. H. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades. *Veredas Atemática*, v.17, n.2, p.266-286, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/14%C2%BA-ARTIGO.pdf>> Acesso em: fev 2015.

METZGER, M. Sign Language Interpreting: deconstructing the myth of neutrality. Gallaudet University Press. Washington, D. C, 1999a. In: LEITE, E, M. C. Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva. Petrópolis: Arara azul, 2005. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Os-papeis-do-Interprete-na-sala-de-aula-inclusiva.pdf>> Acesso em: jul 2016.

NASCIMENTO, M. V. B. Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas. *Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores*. v.24, p.79-94. 2012. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3733/1368> > Acesso em: mar. 2015.

QUADROS, R. M. de. O Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf> > Acesso em: jan. 2015.

RODRIGUES, C. H. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades. *Veredas Atemática*, v.17, n.2, p.266-286, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/14%C2%BA-ARTIGO.pdf>> Acesso em: fev 2015.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? Cad. Trad. Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 17-45, jul-dez, 2015 Disponível em: < file:///G:/P%C3%B3s/Pesquisas\_Artigo/Estudos%20da%20tradu%C3%A7%C3%A3o%20e%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20de%20LS.pdf > Acesso em: jun. 2016.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. [Editorial]. São Paulo. Acta paul. enferm, v.20 n.2, abr./jun., 2007. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001) > Acesso em: mai. 2016.

SANTOS, S.A. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação acadêmica e profissional. Cad. Trad. Florianópolis, v. 2, n 26, p. 145-164, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p145/14227> > Acesso em: jun. 2016.

SOUSA, D.V.C. Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de Libras de São Luís. Revista Littera. v.1, n 1, p.60-66, jan/jul. 2010. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/108/67> > Acesso em: jan. 2015.

SOUZA, P. H. Expressividade oral no cinema: Diálogos com a Fonoaudiologia. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: < [http://www.pucsp.br/laborvox/dissertacoes\\_teses/downloads/SOUZA\\_P\\_H.pdf](http://www.pucsp.br/laborvox/dissertacoes_teses/downloads/SOUZA_P_H.pdf) >. Acesso em: mar. 2016.

SOUZA, S. X. Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2010. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94642> >. Acesso em: jun 2016.

STONE, C. Toward a Deaf Translation Norm. Washington-DC, USA: Gallaudet University Press, 2009. In: SOUZA, S. X. Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na sala de aula. Indaial:Uniassevi, 2011.

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORA

### Vanessa de Almeida Moura e Santos



Especialista em Libras (UNIASSELVI / 2017), Bacharel em Fonoaudiologia (Universidade do Estado da Bahia / 2010) e Licenciada em Letras/Libras (Universidade Federal de Santa Catarina / Polo UFBA / 2012). Possui certificação de proficiência em tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa pelo PROLIBRAS (2007) e em proficiência no ensino da Libras Nível Superior pelo PROLIBRAS (2010). Tradutora e Intérprete de Libras da Universidade Federal da Bahia desde 2014, também tem experiência no ensino de Libras desde 2006, em cursos de capacitação, e no Ensino Superior, desde 2010, vindo a ser professora substituta de Libras na Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB) de 2013 a 2014.

E-mail: [moura.vanessa@ufba.br](mailto:moura.vanessa@ufba.br)